

Gustavo Dahl

De "Uirá", o que eu gostaria que se dissesse é que é um filme do seu tempo. Desde 1971, quando comecei a levantar a produção, até 1974, quando o filme finalmente chega às telas, cada vez mais pessoas se sentem abrangidas pela questão indígena. Se não é o primeiro filme de índio brasileiro, não se lhe pode porém tirar o mérito de ser o que, mais claramente, chamou a si o remorso crescente que sentem os brasileiros diante do massacre de nossos mitos de selvageria e de pureza. Sergio Santeiro teve a idéia de fazer um programa duplo com "Uirá" e "Como era Gostoso..." e chamá-lo "História do Brasil". Entre Ana Maria Magalhães jantando francês moqueado e a mesma sendo arremessada escada abaixo por dois rudes soldados maranhenses ao som do violino pungente de Hekel Tavares, o que se passou foram só quatro séculos. Cadê o índio, o rato comeu... De antropofagia em antropofagia, quem terminou jantado foi o índio que existe em nós. Os índios de hoje se consideram sobreviventes e se comportam como tal, como uma minoria que tem pressa de ser assimilada. Ou então fogem do homem branco, porque sabem que o medo da morte o transformou numa praga planetária, num animal agressivo e paranóico, que, enlouquecido pela ânsia de acumulação se lança contra os da sua espécie.

A sociedade industrial atingiu um nível de eficiência e riqueza desconhecidos até então pelo homem, mas sente-se ameaçada por uma cor diferente de pele, por um sistema diferente de vida. Toynbee, o historiador do século, já proclamou a decadência da civilização que vivemos e anunciou um surto de espiritualidade para enfrentar os problemas crescentes. Segundo êle, ao deserto iremos em busca de profetas e não de petróleo. O Brasil, ponto de confluência do Ocidente Latino, humanista, com a vitalidade africana, encontrará nos índios, oriundos do Oriente místico e traço comum de todas as Américas, seus profetas. No Novo Mundo, do Estreito de Bhering à Terra do Fogo, há quinhentos anos que os índios esperam, pacientemente, que nos civilizemos. E já estão perdendo as esperanças.

Se de um lado o senso do ridículo faz notar que falar tão grosso é muita pretensão para pouco filme, a frequentação das salas escuras e das telas luminosas ensinou que os grandes diretores são sempre moralistas. Moral já tenho, só falta o resto...

O resto é que "Uirá" é um filme profundamente experimental, graças a um esquema financeiro de produção independente, aventureiro, mas que proporciona matéria rara na indústria cinematográfica: liberdade.

De "O Bravo Guerreiro" a única frustração que ficou foi aquela de, tendo conformado o filme a um estilo pré-existente in abstracto, ver (viver) o produto acabado como um pré-conceito.

O uso da câmara era orgulhoso e autoritário, embora sensual. Os atores hieráticos, o quadro fixo, os sentimentos dissimulados em idéias, um filme rigoroso. De impor respeito ao próprio Straub. Cada um faz o filme que precisa: quatro anos depois, o que eu tinha vontade era de fazer exatamente o contrário, deixar correr frouxo, descobrir o estilo, fazendo-o, aliás, esquecer do estilo, narrar uma história e basta. A simplicidade figurativa do cinema clássico americano continua eficiente ao correr das décadas enquanto que as audácias de montagem e fotografia da década sessenta já sabem a vinho azêdo.

Na minha atividade cinematográfica não filmei quanto quize, mas quanto pude, logo aproveitei a oportunidade para tentar vários gêneros, estilos, truques, pastiches, homenagens. Dir-se-ia que "Uirá" é um segundo primeiro filme, é um primeiro filme heterogêneo, em oposição à homogeneidade de "O Bravo Guerreiro". Um filme sujo em oposição ao asseptismo do anterior. Um filme do Norte, colorido e brasileiro. Da minha longa peregrinação pela cultura da Metrôpole, sobrou a vontade de aceitar minha condição ultra-marina, sem querer fazer um cinema melhor do que eu ou minha terra.

Não há hoje mais a menor dúvida a respeito da originalidade profunda do cinema brasileiro, superposição de uma cultura de vanguarda a um real depauperado mas estimulante. Se todo filme brasileiro é a um só tempo visionário e frustrado, e isto só espanta os tolos, eu diria que o trabalho a ser feito é diminuir a distância entre êstes dois polos. E "Uirá" trabalha nêsse sentido. Já que não conseguiremos nunca fazer filmes americanos, franceses ou árabes, aceitemos o nosso cinema como um cinema em desenvolvimento.

Levei muito tempo para descobrir que o cinema brasileiro e o Brasil, são a mesma coisa, com as mesmas qualidades e defeitos. Hoje, começo a suspeitar que aprender a filmar o Brasil é aprender a fazer o Brasil.